

O TELEPHONO.

ORGAO IMPARCIAL

PIACUY

PROPRIETARIO E PRINCIPAL REDACTOR—A. DINIZ

THEREZIN

ANNO VII

5 DE OUTUBRO DE 1889

Nº



D. ANNA DA CONCEIÇÃO ALMEIDA DINIZ.

Uma noticia desoladora e cruel acaba de ferir profundamente o nosso charo amigo e operoso companheiro de trabalho, redactor principal desta folha, capitão A. Diniz.

Por telegramma de 30, expedido de S. Luiz, teve elle a infausta e surpreendente nova de haver fallecido a 28 do passado n'aquella capital, sua estremecida mãe, D. Anna da Conceição Almeida Diniz.

Com a idade de 66 annos, baixou ao tumulo essa respeitavel Snr.^a, rodeada da respeitosa estima de quantos a conheciam e sabiam apreciar as suas virtudes.

Era viuva de um militar distincto--o capitão do exercito Antonio Joaquim Diniz, que ha muitos annos precedeo-a n'essa romaria fatal.

No momento em que tão duro golpe fere o nosso amigo, nós nos acercamos d'elle para significar-lhe o nosso pesar e depôr sobre a sepultura que guarda os restos preciosos de sua digna mãe uma corôa de saudades.

amma

reição Geral dos Te- nos.—Estação There- de Outubro de 1889. gramma 67.—Hora de ntiação 9.40—Numero vras 62.—Procedente —Data 1.—Presiden- rovincia do Piahy.— rno deseja prestar a ovincia os auxilios n —fere seu telegram- mas para poder eio que essa ja previamen a pela assem- a a contrahir da quantia ne-

na assembléa não reunir-se breve em ordinária, convem traordinária- conceder auto- do Imperio.

LEPHONE

2 DE OUTUBRO

PROVINCIA.

se falla n'um em thesouro nacional á a de quantia sufficien- alval-a do cahos financiel- se acha.

nos esforços haviam si- gados neste patriotico in- le a administração do r. Viveiros de Castro, os seus illustres suc- comprehendeu que só

extremo poderia res- seus creditos tão com- s, e, digam-s francmen- arrecadação dos seus s.

orém; passando os dias rgi-se o fiat desejado, o accentuando-se mais e speranza desvanecendo- o e pouco, até que em- as redeas da administra- presidente da provin- stando o desejo arden-

the este importantis- reanimarão-se os es- stantes na favoravel so- problema salvador.

m a publicação que fa- telegramma do exm. sr. imperio á s. exc., te- satisfação de proclamar is patrióticos esforços ter o mais brilhante exm. sr. Barão de Lo- exc., que os melhores manifestado pela scrie vincia, deve ella utpis rediolo titulo de grãti-

am sómente do cur- vo provincial a prom- da medida tão instan- el mada pela provincia ão dos seus creditos.

r que este se reuna pa- a administração a au- precisa para realisar a. á a nosa assem- reunir-se em dia 21 d-

o func-

Agora, porém, é dever de patrio- tismo reunir-se, se não no dia marcado, que está muito proximo, ao menos com pouca differença de tempo, para corresponder aos bons desejos do governo imperial e do seu illustre delegado nesta provincia. Já tão de perto affectam os nossos mais respeitaveis interesses.

Acreditamos que nem um só dos eleitos da provincia, liberal ou conservador, deixará de correr pressuroso á cooperar, como é de rigoroso dever, na grande obra da sua salvação.

Não se trate de politica; esque- çam se resentimentos derivados de ideias que se chocam, de senti- mentos que se hostilizam nessa acanhada arena onde infelizmente se debatem os nossos interesses so- ciais.

Do que se trata é da salvação da provincia, da restauração dos seus creditos, que devem ser zela- dos e a todo transe defendidos.

A reunião da assembléa no mais breve prazo possível é uma con- dição da vida ou de morte: ou ella se reúne e confere a presiden- cia a autorização necessaria para realisar a negociação que ha de salvar a provincia, ou, não o fa- zendo, decreta a sua ruina, con- demnando-a a opprobriosos descre- dito.

E qual será o deputado que tenha a inaudita coragem de votar pelo aniquilamento de sua terra natal?

Em honra do bom nome pia- hyense acreditamos que nem um só deixará de acudir ao reclamo da provincia, cumprido com os seus deveres de cidadão e de pa- triota.

A questão de juramento.

Sobre esta momentosa questão pronunciou-se a Tribuna Liberal, do Rio, nos seguintes termos, que são assaz honrosos para o Exm.º Sr. Barão de Loreto, actual minist- ro do imperio:

«O Diario Official de ante-hon- tem inseriu o decreto n. 10,268, de 20 do corrente, que resolve definitivamente a importante ques- tão do juramento para a collação dos grãos de bacharel e doutor pelas faculdades de direito e escola polytechnica e de bacharel em lettras.

Pomo de muitos e constantes desasoscegos, a questão do jura- mento perturbára por varias vezes a vida nacional, sem nunca obter solução razoavel e definitiva.

O sr. Barão de Loreto, ministro do imperio, espirito eminentemen- te liberal, educado na escola das puras doutrinas democraticas, re- solveu a controversia de accordo com as idéas da escola politica a que pertencemos e louvores mere- ce por isso de todos aquelles que do progresso da razão publica esperam confiantes a estabilidade das instituições constitucionaes.

Dando a s. exc. o nosso para- bem por mais esta demonstração de seu espirito liberal, julgamo- nos na obrigação de inserir na in- tegra o valioso documento.

Ello: «Senhor—O juramento estabele- cido no art. 3 do decreto n. 354 de 25 de abril de 1844, para a collação do grão de bacharel em lettras, foi modificado pelo art. 33 do decreto n. 6,884 de 20 de abril de 1878, quanto aos acatholicos.

«Nesse mesmo anno de 1878, decreto n. 7,030 de 6 de se- to, determinou-se que em to- casos, em que, por actos executivos, se exige jura-

mento, seria elle prestado de con- formidade com a religião das pes- soas a quem houvesse de ser de- ferido.

«Pelo decreto n. 7,247 de 19 de abril de 1879, que reformou o ensino primario e secundario no municipio do Corte e o superior em todo o Imperio, foi ampliada, no art. 25 a disposição do decreto n.º 7,030, preceituando-se, no to- cante aos grãos academicos que o juramento, no caso de pertencer o candidato á seita que o prohiba, seria substituido pela promessa de bem cumprir os deveres inhe- rentes aos mesmos grãos.

«As modificações por que têm passado as formulas para o jura- mento dos referidos grãos não se limitaram, porém, a parte reli- giosa.

«Com effeito, por occasião de se reorganisarem varios ramos do ensino superior, foram promulga- das disposições que manifestaram a tendencia de limitar-se seme- lhante juramento aos deveres es- senciaes dos grãos academicos, conforme se fez nos estatutos das faculdades de medicina de 25 de outubro de 1884.

«Ainda consideradas as aliudi- das reorganisações, verifica-se, quanto ás escolas polytechnica e de Minas, que não se tornou de- pendente de juramento a obtenção dos diplomas de engenheiros.

Parecendo-me conveniente regu- lar esta materia de accordo com as doutrinas suffragadas pela experi- encia, tenho a honra de propor a Vossa Magestade Imperial que a norma adoptada para o juramento do grão de doutor em medicina se torne extensiva á collação dos grãos conferidos p-los demais es- tabelecimentos de ensino pertencentes ao ministerio dos negocios do Imperio.

«Sou, Senhor, com o mais pro- fundo respeito, da Vossa Mag- stade Imperial, subdito muito fiel e reverente—Barão de Loreto.—Rio de Janeiro, em 20 de Julho de 1889.»

DECRETO N. 10268 DE 20 DE JULHO DE 1889

Substitue o juramento para a collação dos grãos de bacharel e doutor pelas faculdades de direito e escola polytechnica e de bacharel em lettras.

Hei por bem decretar:

Art. 1.º O juramento para a col- lação dos grãos de bacharel e de doutor pelas faculdades de direito e escola polytechnica e de bacharel em lettras pelo imperial collegio de Pedro II fica substituido pela solem- ne promessa do fiel cumprimento dos deveres inherentes aos mesmos grãos.

Art. 2.º Revogam-se as disposi- ções em contrario.

O Barão de Loreto, do meu con- selho, ministro e secretario dos ne- gocios do imperio, assim o tenha entendido e faça executar. Palacio do Rio de Janeiro, em 20 de Ju- lho de 1889, 68.º da Independencia e do Imperio.

Com a rubrica de SUA MAGES- TADE O IMPERADOR,

Barão de Loreto

Theatro 4 de Setembro

Publicamos em seguida o im- portante discurso proferido pelo illustrado sr. dr. Souza Lima, por occasião do assentamento da 1.ª

pedra do theatro 4 de Setembro, e o termo que deste acto foi la- vrado.

DISCURSO LIDO PELO SR. DR. MA- NOEL ILDEFONSO DE SOUZA LIMA, POR OCCASÃO DA COLLOCAÇÃO DA 1.ª PEDRA DO EDIFICIO DO THEATRO QUATRO DE SETEMBRO, NO DIA 21 DE SETEMBRO DE 1889.

Meus Senhores!

Um importantissimo facto vem encetar de jubilo os corações pia- hyenses, e, não é isso sómente, vem satisfazer uma das mais palpitantes necessidades, um reclamo exigido pela civilização a que tem direito um povo que ama o bello e o agra- davel, que arde em nobres desejos de dar expansão aos seus elevados sentimentos.

Trata-se, srs, de converter em facto uma aspiração que até hoje não foi dado á provincia realisar, em vista do seu precario estado fi- nanceiro:—a construcção de um theatro que, na expressão do Vis- conde Ronald, é o prazer e pôte ser a instrução do espirito, como o espectáculo é o divertimento dos olhos.

Assistimos á collocação da pri- meira pedra sobre que tem de des- cançar esse projectado edificio, que virá recordar dous factos impor- tantissimos que marcarão uma data memoravel nos annos desta pro- vincia.

1.º—os bem combinados esfor- ços de uma associação de distinc- tas senhoras desta capital que ti- verão a feliz lembrança de solicitar do actual administrador, exm. sr. Theophilo Fernandes dos Santos, uma verba para a construcção de um theatro, e 2.º a acquiescencia de s. exc. accedendo mui benigna- mente a tão justa quanto elevada pretensão.

Estes dous factos, srs, não po- dem deixar de impressionar-nos, e impressionar-nos muito agradavel- mente, porque elles assignalam a data de um acontecimento que será sempre festejado, relembrando a grandes a d-s seus factores.

O que é, porém, o theatro?

E', disse—o atguem, uma grande escola em que se castiga o vicio com o riso nos labios; castigat ri- dendo mores—; é a grande escola que instrú, que aperfeiçoa os costumes, que edifica pelo exem- plo, que corrige os desvios da edu- cação.

E' o drama— essa historia ar- ticulada do viver humano, resussit- ando epochas idas, figurando o dia de hoje, batendo por vezes os ca- minhos das gerações futuras, fal- lando ou devendo fallar como um moralista; mas um moralista, diz um contemporaneo, que tem por si a grande alavanca das decorações e effeitos scenicos, para atravessar pelas portas dos sentidos até aos seios do espirito.

E' a—tragedia, quando esta ti- ver cumprido sua missão, que de- verá tomar por alvo o ennobreci- mento das paixões humanas, a ex- tinção dos rancores e a sêde do vingança, representando a torpeza do vicio e mostrando as consola- ções e as recompensas que esperam a virtude desgraçada.

A arte antiga não podia elevar-se á altura desta moral, e eis porque quasi todos os dramas que inspi-

ron têm em geral este caracter: impellem a um sentimento de reac- ção. Tal é com effeito o alvo da tragedia de Eschylo, que tende a excitar entre os gregos o jubilo do triumpho á vista dos soffrimentos de uma nação inimiga.

Que sorriso de orgulho, dizia um notavel historiador, não deveria notar-se nos labios dos athenien- ses, ao verem o inimigo de sua li- bertade fugir sem mais armas que a sua aljava, e a sombra de Dario recomendar aos seus que nunca mais invadissem a Grecia, Athenas principalmente!

E' a escola que instrúe e mo- ralisa a que nos referimos, e não aquella que está sempre prompta a interessar o espectador pelo vicio, pela depravação do coração, co- brindo com uma falsa caridade as ulceras para descobrir sómente o lado interessante da Messalina ou da Lovelacio que lá teve o seu lu- cido momento... Esta que é a escola das camelias e das bohe- mias, é uma chaga social, um ins- trumento de corrupção, um veneno subtil que infecta os olhos a parte menos pensante da sociedade, que é a grande parte.

Desenhou um notavel escriptor com mão de mestre esta phrase da actividade social, concluindo por di- zer: «Ai da sociedade em que o trabalho do palco não supportasse o peso da moral christã!»

Os theatros, como sabemos, en- traram em todos os tempos no re- gaço dos povos cultos, como parte integrante de sua civilização: Foi na época em que Pesitrato prepara- va suas empresas contra a liber- dade, que nasceu em Athenas essa poesia dramatica que devia resumir em si todas as poesias, desde a epopeia até a satyra insultuosa; que devia igualhalas cada uma em par- ticular, pela riqueza dos detalhes, pela variedade das invenções, pelo brilho da forma; que devia as exce- der pela verdade e interesse das pinturas, e deixar ao mundo os nomes immortaes de Eschylo, de Sophocle, de Eoripe, de Aristopha- ne e de Menandro. «Nesse tem- po, diz Plutarco, na Vida de Solon, Thespis começava a mudar a trage- dia, e a novidade do espectáculo attrahia a multidão, sem que se desse na concorrencia o interesse de disputarem os poetas o melhor premio.

Ignora-se senhores a época em que foi construido o primeiro thea- tro capaz de receber numerosa multidão. Muito tarda, e quando Pericles dotou Athenas desses mo- numentos, cujas ruinas fazem ainda hoje á admiração do mundo, foi que se construiu o theatro de Bac- cho com materiaes solidos e com uma magnificencia digna da cidade das artes. Mas, desde o tempo de Cherilo e de Pratinas, e antes da estrêa de Eschylo, havia em Athenas um theatro de madeira, de vastas dimensões, disposto segundo as regras mais sabias da acustica, e sufficiente a todas as necessida- des essenciaes, onde podiam sen- tar-se cerca de milhares de espec- tadores. As mulheres, as crean- ças, os escravos mesmo, assistiam á representação das tragedias e dos dramas satyricos, sem que se lhes vedassem o ensinamento que resulta da tragedia, essa rhetorica como diz Platão, ao uso das crean-

eres, dos homens rivos; da tragedia de W. Schlegel, com todas as peças de Schylo, da mesma as emergio da cabe-

sabemos, entre os actores da civilisa- ta-se o gosto domi- spectaculo e a ten- dencia pa... converter em re- lações intellectuaes os prazeres so- ciales. Elevaram os gregos o thea- tro a um tal altura que para comprehender-se, é mister esque- cer completamente a nullidad fa- ustosa dos nossos, onde sam mais motivo que o de fugir ao cafad, um pequeno numero de pessoas, feichadas ás noites entre quatro paredes, entretem-se em admirar bellezas de convenção.

Os theatros gregos eram desco- bertos, com o fim de que o aspect- to do horizonte e do campo man- tivesse a alegria das festas; eram collocados em situações agradaveis, offerendo uma perspectiva espa- çosa, muitas vezes com vista de mar, sempre com a do céu, de maneira que quando o actor invo- cava os astros e a natureza, seus olhos a contemplavam rea mente; ás vezes via os lugares a que di- rigia a palavra. Esses theatros eram bastante vastos para con- terem tanto os cidadãos como os es- trangeiros que a elles affluíam.

Os espectadores assentados nos bancos dispostos em amphitheatro viam de longe os actores que, por este motivo, eram obrigados a xagerar as feições, a voz, a esta- nra, por meio de máscaras e co- rnos. As decorações não eram pannos pintados, porém compu- tam-se de objectos reais. A magnificencia era tal, que, gundo diz Plutarcho, as repre- ntações das Bacchantes, das Ienicias, de Oelipo, da Antigona, de Medea e da Electro, custaram ais do que todas as guerras dos ersas.

Eis, srs., resumidamente o que foram os theatros da antiguidade. Não sejam os nossos, quando mesmo nos faltem a magnificencia as grandes riquezas trazidas riantes, senão tra- bons costumes.

mes, dizia um es- deste seculo, o ob- jecto da poesia dramatica, isto é, os pensamentos e acções do homem em sociedade. Os costumes com- çaram com o homem e antes de toda a poesia dramatica, como os sentimentos existiram antes de toda a poesia lyrica, como as imagense accidentes da natureza physica en- tes de toda a poesia descriptiva.

Conforme os dous estados do homem em sociedade, publico ou privado, são os dous generos de drama: o tragico para os costumes publicos, o comico para os costu- mes privados.

Queremos, portanto, srs., o thea- tro, mas o theatro edificante, o theatro onde se combata o vicio, se arraque e exalte a virtude, o theatro onde a musica, esta poesia marticulada no sentimento, ins- tando-nos, como que á puridade, os grandes affectos do coração, tan- gendo com dedo invisivel todas as fibras da alma, desperte os nossos sentimentos para o que fór de mais

nobre e elevado nessa eschola, em cujo recinto devem sómente figu- rar—os grandes feitos da humani- dade, o amor da patria, a aversão ao vicio, ao crime, a moral pura e sã como apregou a grande victimã do Golgotha.

Eis os meus votos. Theresina, 21 de Setembro de 1889.

Manoel Hedefonso de S. Lima.

TERMO DA COLLOCAÇÃO DA 1.ª PEDRA NO THEATRO QUATRO DE SE- TEMBRO

Aos vinte e um dias do mez de Setembro do anno do Nascimento de Nosso Senhor Jesus Christo, de mil e oitocentos oitenta e nove, pelas cinco e meia horas da tarde, nesta cidade de Theresina, capital da provincia do Piahy, á rua Bela, em uma das quinas ladeiras á praça de Aquilabam, sendo abi presentes o Exm. Sr. Presidente da Provincia, doutor Lourenço Valen- te de Figueiredo, juiz de direito da comarca doutor Manoel Hedefonso de Souza Lima, o doutor Augusto Colim da Silva Blos e capitão Antonio Joaquim Diriz, jornalistas e funcionarios publicos, além de outras pessoas gradas que vão abaixo assignadas, os membros da commissão nomeada por sua ex- cellencia para levar a effeito a construção do «Theatro Quatro de Setembro», coronel João da Cruz e Santos, doutores Gabilho Hollanda da Costa Freire, Gabriel Luiz Ferreira e Francisco de Souza Martins e pharmaceutico capi- tão Collect Antonio da Fonseca, depois de celebrada pelo conego Honorio José Saraiva a cerimonia religiosa do estylo, sua excellencia o senhor presidente da provincia, descendo ao fundo do alceerce que se achava aberto e empunhando uma colher e um martello, procedeu á collocação da primeira pedra do referido Theatro, na qual se acha gravada a seguinte ins- crição: «Theatro Quatro de Se- tembro, mandado construir pelo Exm. Sr. Presidente da provincia, doutor Theophilo Fernandes dos Santos, á rogo das Senhoras The- resinenses.»

Tocou por essa occasião a ban- da de musica do corpo de policia e em seguida leu o sr. doutor juiz de direito Manoel Hedefonso de Souza Lima um discurso analogo ao acto, que foi assim revestido da maxima solemnidade, do que para constar, eu João José de Oliveira Costa, official maior da Secretaria do Governo, servindo de Secretario da Provincia, lavrei o presente termo, que vai assignado por sua excellencia o sr. Presi- dente e muitas das pessoas pre- sentes.

CAMPO NEUTRO

Luiz José da Cunha Junior e sua filha D. Maria Ritta da Cunha Rios agradecem cordialmente as delicadezas e provas de consideração que, lhes dispensaram durante sua estada nesta capital pessoas mui- distinctas e não podendo despedir- se pela prestesa da sua viagem, pedem-lhes desculpa, efferecendo- lhes os seus prestimos no sitio de sua residencia.

Theresina, 1.º de Outubro de 1889.

Luiz José da Cunha Junior. Maria Ritta da Cunha Rios.

DECLARAÇÃO NECESSARIA

Attribuindo-se ao meu estimado amigo H. Rubin a responsabilidade de alguns escriptos que são publicados no Operario, apresso-me a declarar que o mesmo nada tem que ver com a redacção dessa gazeta.

O facto de se estar publicando na mesma gazeta um romance des- se intelligente moço, não autorisa a que se lhe attribua uma respon- sabilidade que não tem.

Senão, como sou, o unico redac- tor conhecido, assumo inteira res- ponsabilidade pelos escriptos pu- blicados na gazeta de minha pro- priidade.

O Operario não tem outro redac- tor que sou eu.

Gabriel Chaves.

—:—

PERGUNTA-E.

Poderá o vereador da Camara Municipal, Antonio Rebelo, sem flagrante violação da lei n.º 8213 de 13 de agosto de 1881, assig- nar contractos publicos, com esta se proponha contractar pela moli- ca quanta de oito contos de reis o calçamento da rua Bela com pedras «toscas»?

W.

—:—

Despedida.

Francisco de Assis Gondim, tendo de retirar se hoje para a capital do Ceará, com o não pôde pessoalmente despedir se das pes- soas que lhe honram com suas amizades, vem por meio da im- prensa pedir-lhes desculpa e ao mesmo tempo efferecer-lhes seus fracos serviços na capital do Ceará. Theresina 2 de Outubro de 1889.

Francisco de Assis Gondim.

MISCELLANEA.

O presidente do Pará, encare- cendo os serviços prestados pelo ex-inspector do arsenal de marinha d'aquella provincia, capitão tenente Antonio Severiano Nunes e director da officinas Luiz Gaston Luvigne, para concluir se a barca-pharol, destinada ao canal de Bragança, pediu para o 1.º a commenda da Roza e para o 2.º o girão de cavalheiro. O ministro da marinha res- pondeu,—que o governo imperi l, inteirado da valor de tres serviços, não lhes dá o peso supposto, e, con- siderando os de pouca importancia para merecerem qualquer acto de sua parte que os saliente, não pôde annuir á dita proposta.

O mesmo ministro declarou ao inspector do arsenal do Pará em resposta ao officio de seu anteces- sor, de 1.º de abril ultimo, relati- vamente ao lançamento ao mar da barca pharol—que não pôde di- xar de ser desagradavel ao gover- no os elogios feitos ao director das officinas de construcção naval por um facto tão simples, sem minima importancia, e as consequentes propostas de remuneração, indican- do tudo obliteração de deveres: assim é que o mesmo governo es- pera que cessem as tendencias de tudo se fazer mirando-se somente recompensas, além da tranquillida- de da propria consciencia.

—:—

Conto original.

Lê-se no Diário de Notícias.

Deu-se no Grande do Sul, e é intencionalmente narrado por um jornal Gaupello provincial, o originalissimo rapto que vamos descrever ao nossos leitores.

Estephonia Torres e Luiz Espi- nosa, ambos jovens e filhas de familia abastada, tinham resolveo casar-se, ao contrario de seus pa- dreiros papais.

Para isso convidou Estephonia que a sua filha Estephonia par- ticipasse com ella, a quem elle se mandou, para uma festa de pro- moção, onde um reverendo padre se encarregaria de celebrar o de- sejado hymen.

Um rapto, sem mais nem menos, Agera veym os senhores, não se affecta esse attentado contra os bons costumes antigos.

Na manhã de domingo, 18 de corrente, sahio da Santa Rita do Passo um rapazote acompanhando um burrico com dois cangueiros. A carga era peizta ao que parecia, o animal caminhava com fellei- dade e o rapazote via-se obrigado a applicar-lhe baia serrada de chifres, de cinco em cinco minutos.

Ao calar de hora e meia de viagem chegaram áquelle fazenda onde existia o celeiro e do latero casarotal.

O pequeno parva.

O burrico foi a um instante des- pejado da carga e—o moço de- todos os raptos—com a maior surpresa das que se preparavam para arrematar o conteúdo dos cangueiros, sahio de cada um dos jacases um noivo—isto é, ao mesmo tempo que Estephonia pa- nha a cabeça de fora e occulta do véo nupcial as palmas com que se occultava. Espinosa sahio pelo ou- tro lado do cangueiro vizinho, e agitava os cabellos, e endireitava o collarinho, e procurava no fundo do jacaz o leque branco da sua querida noiva, que lá se condára para guardar.

E casaram-se, os dois! Casa- ram-se depois de terem sido as- sumpto da troça de todos os es- pectadores de uma tão original es- pecie de rapto.

Cabe agora dizer que o rapazo- te e o burrico ficaram por alli mes- mo, sufficientemente recompensa- dos Espinosa e sua mulher volta- ram para Santa Rita do Passo.

Pois que sejam muito felizes!

Campo-maior.

Por informação de pessoa desta localidade, consta-nos que nella muito tem servido a população indigente flagelada pela secca os so- ccorros publicos a ella destinado pelo governo.

Que a dita commissão de so- ccorros tem bem cumprido com seu dever na distribuição das quantias postas a sua disposição, com as quaes tem soccorrendo aos indigen- tes mediante salario, e continua no serviço de um açude nos suburbios da villa, de que resulta grande utilidade publica. Que tambem o capitão João Antonio Pacheco, en- curregado pelo governo do desen- turramento do leito do rio Surubim obstruido por um paredão de pedra desmoronado, e de fazer um açude nas proximidades daquelle villa, tem bem desempenhado esta missão, empregando nestas obras grande numero de pessoas indi- gentes, victimas da secca, e que já tendo concluido o primei- serviço, continua no do refer açude, fazendo um paredão construido que contém 13'

tres de comprimento, e sufficiente, com basta- ção, de que vem resul- grande deposito de agua, inco- tavelmente de muita utilidade pública, esta sendo terminada obra, que se acha na metade.

Quanto ao governo, a socco- commissão dessa localidade esta trabalhando, como tem de que esta digno das maturos

MUQUE

1889

Se o governo...

Se o governo...

Se o governo...

Se o governo...

Theresina, 2—10—

C. Costa Silva.

Hospedes.

Escrevem alguns dias do... de a nossa illustre an- petes Luiz de Cunha Jun- tono da Cunha, que re- as suas residencias a I. Santa Estrella.

Consorcio.

Temos...

O acto foi...

Parabens.

Regresso.

Para Murilo e Honilides foram os nossos amigos João Pedro de Moraes e Joaquim Clementino de Souza tins.

Hospede.

No vapor Santo Estrella en- a 30 do passado a esta cap- nosso distincto amigo, sr. Felipe Gomes Noves, ha commerciante da praça da hyba.

Fazemos...

Lê-se na Gazeta do A

O nosso illustre e conselheiro Lavil... tor do Museu N... ser distinguido p reput... de r... brin p

Annuncios.

Aviso.

Avisamos aos nossos freguezes que mudamos o nosso estabelecimento para a rua Grande n.º 14—A—, onde os mesmos encontrarão cigarros de papel de palha de trigo a 35000.

14—RUA GRANDE 14—A.

Francisco Gondim & C.ª

Botinas Bostock para homem, em casa de José Tavares da Silva & Comp

LIVROS

Na Casa commercial de SALOMÃO BAUMANN encontram-se a venda os seguintes:
Dicionario Latino, Magnum lexicon.

- Ditos ditos por Saraiva.
- Ditos Inglez " Valdez
- Ditos Grammatical " João Ribeiro
- Ditos Portuguez " Roquete
- Atlas de Lamarche
- Ditas " Perigot
- Ditas Universal por Lacerda
- Grammatica Alemã " Emilio Otto
- Ditas Latinas " Pereira.
- Ditas Francezas " Burgain
- Ditas Portuguezas " Abilio
- Ditas " Leal
- Ditas " (3.º anno) por João Ribeiro.

Ditas " (2.º) dito João Ribeiro.

Selecta Escolar, pelo Padre Dr. J. Sampaio

Ditas Portuguezas " Visconde de Coaracy

Ditas " por Guilberme do Prado

Ditas Francezas " Roquete

Ditas Latinas " Ottony

Arithmetica, " Ottony

Ditas da Infancia

Algebra por Ottony

Geometria " "

Geographia geral da Infancia, por Moreira Pinto

Dita das provincias do Brazil " idem, idem

Dita geral do Brazil por Sellin

Curso de Geographia " Lacerda

Dito " dito geral " Moreira Pinto

Historia Universal " idem idem

Mestre Inglez por Pereira

Logique Deductive " A. Bain

Guia do Fogueiro " Pereira

Dita da Conversação franceza

Dita " dita ingleza

Trechos dos autores classicos por G. do Prado

Artes de musica por Perdigão

Manual Encyclopedico

Historia de Charles XII

Catecismos pequenos

Diurnal da Mocidade Christã

Licções de Moral e de Religião

Os Luzadas, por L. de Camões

The Vicar

Fables de La Fontaine

Compendio de analyse logica

Epitome latino

Cartas e descrições (franceza-)

Facitus

Principio de composiçào

1.º Livro de Leitura por Abilio

2.º dito dito

3.º dito dito

2.º dito de Hilario Ribeiro

Evangelino

Manuscripto por Duarte Ventura
Methodo facillimo
Taboadas e Cartas de A B C

CLINICA DE MOLESTIAS DE OLHOS

DO

DR PAULA RODRIGUES

Ex-chefe da clinica ophtalmologica do Dr. Moura Brazil e da Policlínica do Rio de Janeiro.

CONSULTORIO—RUA BELLA N.º 49

Consultas das 12 às 3 horas da tarde.

A comissào encarregada da construcção do theatro 4 de Setembro Jeclara que compra os seguintes materiaes postos na obra:

Linhas de pau d'arco de 28 a 45 palmos.

Ripas de cedro.

Taboas de cedro de 12 a 20 palmos.

Tijollos de alvenaria.

Lages.

Cal.

Pedra.

Arria do rio.

Telhas.

Quem, pois, tiver esses materiaes e quiser vendel-os, pode entender-se com o dr. Candido de Holdalan Costa Freire ou com o capitão Collect Antonio da Fonseca, membros da comissào que se acham encarregados da acquisiçào dos mesmos materiaes.

Theresina, 24 de Setembro de 1889.

Manoel Rodrigues
como assignado,
Collector do Impo
termo da Voz de
provincia, que
transportar a
imposto de captaç
não tem mais aggre
Morros, de sua prop
me a communicaç
escripto, comprovad
do Inspector d
Theresina 24 de Setembro de 1889.

Manoel Rodrigues Monteiro.

Salomão Baumann previne pela ultima vez aos seus devedores que os que no prazo de 30 dias não vierem satisfazer seus debitos serão cobrados judicialmente.
Theresina 21 de agosto de 1889.

ALUGADO
Contracta-se um
para todo servi-
ço nesta typ.

ASSUCAR E AGUARDENTE

DO ENGENHO CENTRAL

Acha-se à venda, pelos preços da tabella, em cas e barricas, o primeiro artigo, e pipas o ultimo. Em casa de Chrispim A. dos Santos & C.º Unico deposito no--Maranhão

Agente do Sindicato
Praça do Commercio n 13

Amigo capitão Salomann, honrado commerca desta praça, a quem apelece a melhor viagem.

—:—
—:—

Estipitão Joaquim Santos.

de Outubro Chegou a 30 do passado a esta estação gade, vindo da Parnahyba, este vras gadorado cavalheiro com sua exm.ª

—Data Nilia.
—:—
—:—

rovineio Saudamol-o affectuosamente.

—:—
—:—

ovineia **Altos.**

—:—
—:—

—:—
—:—

—:—
—:—

—:—
—:—

—:—
—:—

—:—
—:—

—:—
—:—

—:—
—:—

—:—
—:—

—:—
—:—

—:—
—:—

—:—
—:—

—:—
—:—

—:—
—:—

—:—
—:—

—:—
—:—

—:—
—:—

—:—
—:—

—:—
—:—

—:—
—:—

—:—
—:—

—:—
—:—

—:—
—:—

—:—
—:—

—:—
—:—

—:—
—:—

—:—
—:—

—:—
—:—

—:—
—:—

—:—
—:—

—:—
—:—

—:—
—:—

—:—
—:—

—:—
—:—

—:—
—:—

d'Assis Gondim e Candido Carvalho;

Para a Parnahyba, os srs. major Felipe Neves e capitão Alvaro Pereira;

Para União o sr. capitão Joaquim Gonçalves.

—:—
—:—

Fabrica de Fiação

Com as formalidades do estylo foi assentada a 1.ª pedra da Fabrica de Fiação e tecidos desta capital na manhã do dia 30 do passado.

Ao acto foi muito concorrido e devidamente festejado.

—:—
—:—

Regresso.

Regresso do Rio Grande do Norte, onde ha algum tempo se achava, o sr. capitão Manoel Thomaz de Oliveira, a quem dirigimos nossas saudações.

—:—
—:—

Almoço.

Por s. exc. o sr. dr. Theophilo dos Santos foi hoje offercido um almoço, em palacio, ao sr. capitão Joaquim Antonio dos Santos

Tomaram parte neste importante festim muitos cavalheiros da nossa sociedade.

—:—
—:—

Outro.

Muitos amigos e admiradores do Exm. Sr. Dr. Theophilo dos Santos pretendem offercer-lhe um opulento almoço no dia 5 do corrente, segundo somos informados, e na noite desse mesmo dia uma esplendido soiree dansante.

—:—
—:—

Regresso.

Regressaram para o termo de Campo-maior, onde residem, os nossos estimaveis amigos major Mathias Quaresma e capitão Ly-sandro Pereira da Silva.

—:—
—:—

Partida.

Está marcado o dia 10 do vigente para a partida do Exm. Sr. Dr. Theophilo Santos, digno administrador desta provincia para a corte do imperio, afim de tomar parte nos trabalhos do parlamento, onde vae representar sua provincia natal.

Si è sensivel a ausencia de s. exc. a esta provincia, que vê-se assim privada de uma administração criteriosa e patriótica e à qual deve os mais relevantes serviços, è-lhe, por outro lado, agradavel contal-o no numero dos representantes da nação, onde por suas luzes e patriotismo muito fará de certo em bem da commu-nhão nacional.

Não cabe nos estreitos limites desta local uma apreciação demorada dos actos da benetica administração que vae fundar-se. Mais de espaço nos occuparemos delles.

Por ora só nos cabe desejar ao honrado sr. dr. Theophilo dos Santos uma feliz viagem e as venturas de que è digno.

São os nossos votos, que o são tambem da provincia inteira.

—:—
—:—

—:—
—:—

—:—
—:—

—:—
—:—

—:—
—:—

—:—
—:—

—:—
—:—

—:—
—:—

—:—
—:—

—:—
—:—

—:—
—:—

—:—
—:—

—:—
—:—

—:—
—:—

—:—
—:—

—:—
—:—

—:—
—:—

—:—
—:—

—:—
—:—

—:—
—:—

—:—
—:—

—:—
—:—

—:—
—:—

—:—
—:—

—:—
—:—

—:—
—:—

—:—
—:—

—:—
—:—

—:—
—:—

—:—
—:—

—:—
—:—

—:—
—:—

—:—
—:—

—:—
—:—

—:—
—:—

—:—
—:—

—:—
—:—

—:—
—:—

—:—
—:—

—:—
—:—

—:—
—:—

—:—
—:—

—:—
—:—

—:—
—:—

—:—
—:—

—:—
—:—

—:—
—:—

—:—
—:—

—:—
—:—

—:—
—:—

—:—
—:—

—:—
—:—

—:—
—:—

—:—
—:—

—:—
—:—

—:—
—:—

—:—
—:—

—:—
—:—

—:—
—:—

—:—
—:—

—:—
—:—